

Considerações sobre a indiferença a partir da obra *A peste* de Albert Camus*

Considerations about indifference in Albert Camus' work: *The Plague*

Fabício Veliq**

Resumo

O presente artigo tem o intuito de abordar a temática da indiferença a partir dos dois discursos feitos pelo padre Paneloux, na obra *A Peste* de Albert Camus. Para isso, a princípio elaboramos um breve panorama da obra a fim de situar o leitor no conjunto em que se insere as falas do padre. Em seguida, analisou-se cada um dos discursos no intuito de mostrar a diferença tanto de postura, quanto também a mudança de atitude que pode ser percebida devido ao sofrimento que ele vê. Notou-se que no primeiro, a imagem de um Deus retribucionista e condenador é aquilo que perfaz o pensamento do padre que vê a peste que assola a cidade como um castigo divino aos cidadãos que são indiferentes para com a vontade divina. No segundo, a ênfase dada pelo padre jesuíta esta uma espécie de fatalismo ativo que o aceitar tudo que vem de Deus pode trazer. Nesse sentido, as acusações dão lugar ao se importar com o sofrimento alheio.

Palavras-chave: A Peste; Indiferença; Albert Camus; Sofrimento; Outro.

* Artigo recebido em 09/03/2018 e aprovado para publicação em 28/06/2018.

** Mestre e doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE), doutorando em teologia pela Katolieke Universiteit Leuven (KU Leuven). Membro do grupo de pesquisa Estudos de Cristologia na FAJE e membro do grupo de pesquisa Fundamental and Political Theology em KU Leuven. Bolsista CAPES.

Abstract

This article aims to address the issue of indifference from the two speeches made by Father Paneloux in Albert Camus' work called *The Pest*. To do so, at first we elaborate a brief landscape in order to situate the reader in the set where the speeches are inserted. Then, we have analyzed each of the speeches in order to show the difference and the change of attitude in the posture due to the suffering that the priest sees. It was noted that in the first, the image of a retributionist and condemning God is what makes the thought of the priest who sees the plague as a divine punishment to the citizens who are indifferent to the divine will. In the second, the emphasis given by the Jesuit priest is a kind of active fatalism that accepting everything that comes from God and act in order to help those who are in suffering. In this sense, accusations are substituted by caring about the suffering of others.

Keywords: *The Pest*; Indifference; Albert Camus; Suffering; Other.

Introdução

Muitos foram os que tentaram falar sobre o mal ao longo da história. Desde os mitos antigos até hoje esse tema, sem dúvida, ao mesmo tempo em que angustia, também traz em si inúmeras considerações. Afinal, estamos diante de um mundo em que o mal é visto todo dia nos noticiários, nas ruas, em nossos empregos, nos estudos, e tantos outros lugares. Não é difícil nos depararmos com o mal em suas diversas formas e em diversas ocasiões.

Albert Camus foi um dos maiores escritores do século XX. Ganhador do prêmio Nobel de 1957, como um dos mais novos a ganhar esse prêmio, se destacou por sua grande maestria em falar sobre os "problemas fundamentais da vida", conforme dito por Anders Österling para rádio sueca no dia do recebimento do prêmio (CAMUS, 1971, p. 12).

Nascido em 1913, na Argélia, filho de mãe camponesa de origem espanhola também conviveu com grandes necessidades, tendo podido estudar somente graças a uma bolsa no liceu de Argel e tendo sido acometido por tuberculose enquanto estudava filosofia.

Nesse sentido como afirma Pierre de Boisdeffre: "ao contrário de grande número de intelectuais, quando Camus fala na miséria é como um homem que a viveu (CAMUS, 1971, p. 28)". O viver na miséria pode ser uma das facetas que ajudou Camus a escrever sobre os problemas da vida

com tamanha maestria, uma vez que falar a partir do olhar da experiência tende a trazer maior propriedade sobre aquilo que se fala.

A descrição de Orã em seu livro também é fruto de sua experiência como habitante da Argélia. Essa cidade, como nos conta, é simples e ordinária, como uma simples prefeitura francesa na costa da Argélia. Contudo, como nos também conta Boisdeffre, "Camus amava nela a sua vitalidade; menos enraizada que a de Argel, a população é muito mais variada e mais turbulenta, fruto de um melting pot em que entram tantos espanhóis e malteses como Francaouis (CAMUS, 1971, p. 29)".

Nessa cidade que ocorre o romance intitulado *A Peste* que conta a história de uma cidade que foi atacada por uma peste e teve que conviver e lutar para salvar quantos podia, enquanto diversos morriam devido ao flagelo.

Embora muitos falem que o livro trata a respeito da invasão alemã e toda a questão do crescimento nazista, acreditamos que não deve se limitar somente a isso, sendo também uma alegoria a respeito do nosso tempo.

Mesmo escrito há alguns anos esse livro continua a nos indagar sobre nossa perspectiva frente a essa "peste" que está diante de nós todo dia e que nos assedia constantemente. No intuito de abordar a temática da indiferença frente ao mal nesse artigo, em um primeiro momento faremos um pequeno panorama do romance para, a seguir, elucidar o nosso tema a partir de três pequenos fragmentos da obra.

1. Panorama da obra

O romance conta a história de uma pequena cidade que é acometida por uma peste que, primeiramente, começa a atingir os ratos da cidade. Com o passar do tempo, a morte dos ratos preocupa os cidadãos e, principalmente o personagem principal, o doutor Rieux. Com a morte do porteiro do prédio onde Rieux morava, as mortes dos ratos começam a apavorar a cidade e, com mais mortos aparecendo a cada dia, a suspeita de peste é confirmada pela prefeitura.

Com esse decreto a prefeitura toma a decisão de fechar os portões da cidade, de maneira que não haja possibilidade de saída ou entrada de pessoas e, conseqüentemente, mais infectados por causa da peste.

O fechamento dos portões causa no povo um isolamento em relação ao mundo exterior. Sem meios de comunicações, resta ao povo acostumar-se com as distâncias das pessoas amadas que, por algum motivo, havia ficado do lado de fora da cidade.

Camus retrata muito bem o sentimento que havia na cidade:

Experimentava, assim o sofrimento enorme do prisioneiro e do exilado: uma inútil memória. Até o passado, em que refletiam sempre, era desagradável. Desejariam ter-lhe acrescentado, quando era ainda possível, tudo que lamentavam não ter feito em companhia deste ou daquela que esperavam, e a todas as situações relativamente felizes da vida de prisioneiros misturavam a presença do ausente, mas isto não lhes dava prazer. Desgostosos assemelhávamos aos que a justiça e o ódio humanos guardam além das grades. Finalmente, o único meio de fugir a essas insuportáveis férias era mover os trens na imaginação, encher as horas com os repetidos sons de uma isenta obstinadamente silenciosa agora (CAMUS, 1971, p. 108-109).

A situação se agrava com a morte de várias pessoas na cidade de Orã. Homens e mulheres ficam doentes devido à peste e a agonia dos familiares ao verem um de seus entes queridos diagnosticados se manifesta a cada novo anúncio.

Um grupo de pessoas liderado pelo médico Rieux, começa a luta contra a peste e depois de alguns meses, e após muitas mortes, a peste começa a diminuir até seu fim, quando a cidade volta à sua vida normal.

2. A indiferença no primeiro sermão do Padre Paneloux

No decorrer do romance temos a figura do Padre Paneloux que é um dos personagens centrais do livro. É um jesuíta, bastante erudito e defensor de um exigente cristianismo como nos conta o romance.

No primeiro mês, após início da peste, Camus nos relata que “quanto à religião e a outros problemas, a peste despertava neles [o povo da cidade] singular estado de espírito, tão longe da indiferença quanto da paixão e que se definira bem com a palavra objetividade” (CAMUS, 1971, p. 123).

É diante desse povo que Paneloux lança seu sermão. Um sermão marcado pela visão de um Deus retribucionista, que traz o mal para a condenação dos pecadores e para arrependimento daqueles que havia sido infiéis a Ele. A peste surge, então, como esse castigo divino, a exemplo do castigo dado a Faraó no deserto quando o povo de Israel saía do Egito.

Nesse sermão Paneloux fala da indiferença. Em sua voz:

Sim, chegou a hora de refletir. Acreditastes que era bastante visitar Deus no domingo, esquecendo-se nos outros dias. Pensaste que algumas genuflexões compensariam a vossa criminosa indiferença. Mas Deus não é indiferente. Essas relações espaçadas não bastavam à sua insaciável ternura. Queria ver-nos muitas vezes: é a sua maneira de amar. E, na verdade, é a única maneira de amar. Eis por que, fatigado de esperar, mandou o flagelo a esta cidade, como

a todos os lugares pecadores desde que o homem tem história (CAMUS, 1971, p. 125).

Paneloux acusa o povo de indiferença em contraste com a perspectiva divina. Enquanto o povo era indiferente, Deus não se mostrava dessa forma. O Deus apresentado por Paneloux nesse sermão é um deus que não aceita ser negado e ser ignorado. É um Deus que quer ser visto muitas vezes e, segundo o sermão de nosso padre, é vendo-se muitas vezes, se sentindo percebido, que Deus reconhece o amor de seus fieis.

O não comparecimento, ou o comparecimento esparso por parte do povo revela a indiferença frente à vontade divina e o Deus desse sermão de Paneloux não pode se satisfazer com isso.

Interessante é para nós percebermos a relação que Paneloux estabelece entre o homem e Deus. Enquanto um é indiferente, o outro permanece sempre se importando e querendo a relação.

O Deus de Paneloux é um deus que não pode ser dispensado pelo homem. Ele se torna um Deus necessário e sua necessidade se manifesta em condenar aquele que o esquece e o ignora.

Porém, o Deus que se manifesta no sermão de Paneloux seria o mesmo Deus revelado em Jesus Cristo? Talvez o ponto que se nos faz crucial é pensarmos que, no evento Jesus Cristo, a morte de Deus precisa ser também considerada¹.

A partir da história de Jesus Cristo, somos implicados a aceitar, como diz Joseph Moingt, que o Deus de Jesus aceita ser ignorado, rejeitado, negado, blasfemado e até morto, bem como que isso nos mostra que Deus se revela na fraqueza e na pequenez, permitindo aos homens a possibilidade de ignorá-lo e dando liberdade para negá-lo.

Com isso em mente vemos que o Deus que se manifesta no sermão de Paneloux não coincide com o Deus revelado em Jesus Cristo.

Enquanto o Deus pregado de Paneloux não aceita a indiferença, o Deus que se revela em Jesus se mostra como total doador e como aquele que escolhe morrer, dando ao homem a total liberdade de negá-lo e ignorá-lo, caso o queira. É gratuidade e, como toda gratuidade, se deixa rejeitar.

Talvez Paneloux não tenha muito claro nesse momento a radicalidade do texto da primeira carta de João de que Deus é amor e, como amor que é se dá e se entrega totalmente sem desejar nada em troca, aceitando até mesmo nosso não amor em relação a Ele.

¹ Aludimos aqui às excelentes considerações de Moltmann a respeito dessa temática. Ver MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André. Academia Cristã: 2014.

3. A indiferença no acostumar com o mal

O sermão de Paneloux obteve alguns adeptos e outros que não pensavam de forma tão categórica a respeito. Havia em alguns o sentimento de uma condenação por um crime desconhecido. Esse tipo de culpa não é difícil de ser encontrada após discursos muito extremos e que revelam dicotomias entre certo e errado, o que Deus quer e o que não quer.

Pouco tempo após o sermão de Paneloux chega o verão na cidade e com ele o número de vítimas aumenta, chegando como nos conta o romance, a setecentos por semana, causando grande desalento aos habitantes da cidade. Nesse momento, acreditamos estar diante de uma outra face da indiferença.

Camus nos diz que

nos subúrbios, entre as ruas planas e as casas de terraços, a animação diminuiu, e nos bairros onde as pessoas viviam sempre fora de casa as portas estavam fechadas, as persianas cerradas, e era difícil saber se o povo se defendia da peste ou do sol. De algumas casas vinham gemidos. Antes, quando isto se dava, curiosos iam escutar. Mas depois de tantos alarmes, os corações haviam endurecido e a gente se movia entre queixumes como se houvessem sido sempre a linguagem natural dos homens (CAMUS, 1971, p.135).

A nosso ver esse trecho da obra revela um segundo aspecto da indiferença no romance: a indiferença frente ao sofrimento alheio visto em sua perspectiva horizontal.

No primeiro sermão de Paneloux percebemos que amor e indiferença estavam em relação ao divino e ao humano, ou seja, em uma relação vertical e de causa e consequência e era por esse motivo que a peste viera.

Parece-nos impossível não lembrar a fala de Jesus que no final dos tempos o amor de muitos se esfriaria. Esse esfriar pode ser percebido a partir desse trecho na obra de Camus. O sofrimento do outro não incomoda mais os habitantes daquela cidade, uma vez que se torna normal e esperável que determinado mal venha a alguém, bastando somente torcer para que eu não seja o próximo.

Essa realidade manifestada nesse trecho de Camus não seria a mesma realidade pela qual passamos hoje, sendo então um reflexo de nossa condição humana?

Camus mostra que o gemido daqueles que sofrem não são mais diferenciáveis da linguagem natural do homem, o mal se tornou comum, o sofrimento do outro não inspira nos cidadãos nenhum constrangimento frente a ele.

Em nossa sociedade atual não estaríamos na mesma perspectiva? Não teríamos nos acostumado com o mal que nos rodeia, dando sempre as mesmas explicações e conservando dentro de nós o simples alívio de não ser conosco?

Ou em outros casos, como bem mostra Hannah Arendt², não estaríamos simplesmente no curso da banalidade do mal através do discurso de que é o Estado que não faz, ou é a Peste que mata ou até mesmo Deus que traz o mal a todo homem, escondendo-nos atrás de um totalitarismo, seja ele explícito ou implícito?

Acreditamos que esse pequeno trecho mostra a indiferença frente ao sofrimento em uma perspectiva horizontal, diferentemente da visão do primeiro sermão de padre Paneloux. Aqui não há uma relação de causa e consequência, antes uma relação de banalidade diante do sofrimento.

O povo da cidade se mostra, excetuando os personagens principais como Rieux e a turma que combate a peste, como aqueles que se acostumaram ao sofrimento do outro e que não sofrem mais a dor do mundo.

Como nos mostra Camus:

Em vão, todas as tardes, um velho inspirado, de chapéu de feltro e gravata flutuante, rompe a multidão nas avenidas, repetindo sempre: - "Deus é grande, vinde a ele". Não querem ouvi-lo: todos se precipitam para qualquer coisa desconhecida que lhes parece mais urgente que Deus. No início, quando imaginavam a doença igual às outras, a religião tinha influência. Percebendo o perigo, deram-se aos prazeres. No crepúsculo ardente e empoeirado, a angústia que vemos nos rostos se transforma numa espécie de excitação feroz, numa desastrosa liberdade, e isto inflama a população. "Também sou como eles. Engano! Para os homens como eu a morte não é nada. É um acontecimento que lhes dá razão" (CAMUS, 1971, p. 141-142).

Restaria a esses alguma coisa a mais a não ser se darem aos prazeres, tendo na morte sua razão de ser?

4. O segundo sermão de Paneloux

Um ponto muito marcante no romance de Camus é o segundo sermão do padre Paneloux. Esse é marcado pelo presenciar de Paneloux da morte de uma criança que foi acometida pela peste. Esse fato é o motivador da

² Remetemos à obra ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

mudança de tom e perspectiva do padre jesuíta. Em seu segundo sermão alguns pontos se mostram bastante contrastante em relação ao anterior.

Em primeiro lugar o vós é substituído pelo nós. Essa simples mudança pronominal revela também uma mudança de atitude frente aos seus concidadãos. Ao dizer o nós, se coloca também como alguém que é sofredor e responsável junto com sua comunidade. O trecho abaixo deixa isso claro:

Meus irmãos, é preciso sermos aquele que fica (...) Meus irmãos, disse por fim Paneloux, anunciando que ia terminar, o amor de Deus é um amor difícil. Ele supõe o abandono total de si mesmo e o desdém da sua pessoa. Mas só Ele pode apagar o sofrimento e a morte das crianças, só Ele, em todo o caso, pode torna-los necessários, pois é impossível compreendê-los, e não podemos senão desejar-los. Eis a difícil lição que queria compartilhar convosco. Eis a fé, cruel aos olhos dos homens, decisiva aos olhos de Deus, de que é preciso aproximarmo-nos. Perante esta imagem terrível, é preciso que nos igualemos. Neste cume, tudo se confundirá e se igualará, a verdade brotará da injustiça aparente (CAMUS, s/d, p. 246,248).

Enquanto no primeiro sermão havia o tom de acusação para com o povo, nesse segundo percebe-se a marca da caridade. Enquanto naquele havia a necessidade de explicação da peste e saber dizer sua causa e seus motivos, nesse a postura é mais serena frente a ela.

Paneloux tem claro que algumas coisas são inexplicáveis aos olhos de Deus, como a morte de uma criança. Nesse momento questiona sobre a compensação eterna frente ao sofrimento momentâneo desse menino que sofre e morre. Chega a dizer que um cristão não diria um discurso assim para o menino que está a morrer, uma vez que o Mestre sofreu na carne e na alma a angústia e a dor humanas, sacrificando tudo no maior dos martírios de seu tempo.

Em certo momento de seu sermão Paneloux interroga aos seus ouvintes: "Meus irmãos, a hora chegou. É necessário crer em tudo ou negar tudo. E quem, entre nós, ousaria negar tudo?" (CAMUS, s/d, p. 216).

Paneloux lança o grande desafio, que é também o desafio do evangelho, do salto de fé. Esse salto que exige o lançar-se inteiramente, em total entrega em resposta à radicalidade do amor de Deus, mesmo sem compreender quais são seus planos.

Esse aceitar tudo, porém não em simples fatalismo, porém como fatalismo ativo, implicaria em ver qualquer indiferença como criminosa.

Aqui, com referência ao nosso tema proposto, percebemos uma mudança radical de perspectiva frente ao primeiro sermão. Agora a conclamação é à responsabilidade pelo outro, como fruto do entregar-se totalmente a Deus, aceitando tudo em oposição ao negar tudo.

No primeiro sermão percebemos que a condenação vinha porque o Deus apresentado por Paneloux não aceitava ser ignorado e se sentia amado recebendo a visita de seu povo. Dessa forma, não aceitava a indiferença, antes essa era a causa de sua condenação por meio da peste, ou seja, havia a exigência da reciprocidade: porque eu amo, você não pode ser indiferente a esse amor. Se o for, não posso aceitar e não tenho outra escolha a não ser condená-lo a fim de que se arrependa.

No segundo, porém é o lançar-se diante do inexplicável de Deus, do seu amor infinito, em ato de fé, que gera em nós a atitude de não ser indiferente, uma vez que Deus é sempre amor e nunca indiferente.

Ao nos assemelhamos àquele a quem amamos ficar e se importar se torna a escolha radical frente ao mal do mundo. É o ver de longe que nos fala Hebreus 11, contemplando com os olhos da fé, que nos faz "caminhar para frente, na sombra, um pouco às cegas, e tentar fazer o bem. Quanto ao resto, necessário esperar, entregando-nos a Deus, aceitar a morte das crianças, não buscar refúgio" (CAMUS, s/d, p. 216).

Conclusão

Ao final de nosso percurso acreditamos ter cumprido com nosso proposto de mostrar, em linhas gerais, como se apresenta o tema da indiferença na obra *A Peste* de Albert Camus.

Após um pequeno relato do todo da obra analisamos três cenas do livro: o primeiro sermão do padre Paneloux, o relato do acostumar da comunidade diante do gemido dos acometidos pela peste e o segundo sermão de Paneloux.

Percebemos que no primeiro sermão o Deus apresentado é um deus que não aceita ser negado e exige a reciprocidade de seus servos para que não os castigue com sua peste. Assim, a indiferença do povo frente a Deus é a causa da peste e essa serviria para mostrar o quão distante a comunidade está de seu Deus, tal como os relatos bíblicos do Antigo Testamento da época do êxodo judeu.

No relato do acostumar da comunidade diante do gemido dos acometidos pela peste percebemos a indiferença como consequência da repetição do mal naquela comunidade. Dessa forma, após a enorme convivência e a visão do mal cotidiano há o endurecimento do coração da comunidade, restando somente aceitar a banalidade do mal, torcendo para não ser o próximo a ser morto.

No segundo sermão podemos ver a enorme mudança de perspectiva do padre Paneloux frente à peste. Fruto da experiência de presenciar a morte de uma criança por ela, o sermão de Paneloux nos chama à inexplicabilidade de muitas coisas diante de Deus, restando-nos somente

nos abandonar, em ato de fé, ao seu amor. Esse aceitar tudo de Deus não implica, todavia em mero fatalismo, antes em fatalismo ativo que nos coloca em responsabilidade e não em indiferença frente à dor daquele que sofre.

Dessa forma, o tema da indiferença tem seu lugar na trama do romance e na alegoria de nosso tempo. Responder àquele que sofre é sempre nossa melhor forma de mostrarmos que compreendemos a proposta teológica cristã manifestada na história de Jesus na narrativa evangélica.

A gratuidade do Deus que se dá e se revela em Jesus Cristo nos coloca em responsabilidade pelo outro, vendo nesse outro um amado do Pai, e nos faz perceber que toda indiferença é contrária ao amor, seja ela vertical ou horizontal. A primeira sempre como reflexo da segunda.

Referências

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAMUS, Albert. *A Peste*. Rio de Janeiro: Ópera Mundi, 1971.

_____. *A Peste*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008.

MOLTMANN, Jurgen. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André. Academia Cristã: 2014.